



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13152 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**MOVIMENTOS CURRICULARES INVENTIVOS ENTRE MACRO/MICROPOLÍTICAS:
POR UMA VIDA BONITA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Andrea dos Santos Gabriel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Fernanda Binda Alves Touret - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**MOVIMENTOS CURRICULARES INVENTIVOS ENTRE
MACRO/MICROPOLÍTICAS: POR UMA VIDA BONITA NO COTIDIANO
ESCOLAR**

Resumo: Mergulhada no cotidiano de uma escola de ensino fundamental, a pesquisa entra em relação com os movimentos de micropolíticas ativas (ROLNIK, 2015), para problematizar o currículo instituído e os currículos inventivos que podem ser criados nos interstícios, nas brechas, entrelaçados aos signos da arte, na intenção de afirmar uma vida bonita no cotidiano escolar. Nesse movimento, por meio da cartografia e das redes de conversações (CARVALHO, 2011), ancorada na ousadia dos pensamentos de Deleuze e Guattari (2011), e, como a criança, o pássaro e o andarilho que inspiram as poesias de Manoel de Barros (2018), atravessa as linhas do cotidiano escolar e é atravessada por elas, para argumentar que, em meio às forças enrijecidas de um currículo que insiste em tentar aprisionar a vida, há processos de resistência e de criação de outros possíveis. Conclui (sempre em via de abrir-se ao novo) que é imprescindível apostar na escola como corpo coletivo, pois somente a força coletiva pode desestabilizar processos de tentativa de engessamento e, entre macro/micropolíticas, criar movimentos curriculares nômades, inventivos e, sobretudo, afirmar uma vida bonita que escape aos padrões hegemônicos instituídos e insista em perseverar.

Palavras-chave: Composições curriculares inventivas, Resistências coletivas, Micropolíticas

ativas, Diferença.

Que efeitos podem ser disparados em um corpo coletivo que problematiza as macropolíticas nos cotidianos escolares? Fugir à ordem, criar outras alternativas, (re)criar movimentos curriculares na emergência dos acontecimentos são processos de resistência? Inventar outros modos de existência cotidianamente pode ser uma força impulsionadora de outros movimentos criativos nos cotidianos escolares? Aliás, o que nos move nos cotidianos escolares? Que afetos ganham vida e intensidades nas relações entre corpos cotidianamente?

Com essas e outras indagações, mergulhamos no cotidiano de uma escola de ensino fundamental em um município do Espírito Santo e entramos em relação com os movimentos de micropolíticas ativas (ROLNIK, 2015), para problematizar o currículo instituído e os currículos inventivos que podem ser criados nos interstícios, nas brechas, entrelaçados aos signos da arte, na intenção de afirmar uma vida bonita no cotidiano escolar. Nesse movimento, por meio da cartografia e das redes de conversações (CARVALHO, 2011), ancorados na ousadia dos pensamentos de Deleuze e Guattari (2011), e, como a criança, o pássaro e o andarilho que inspiram as poesias de Manoel de Barros (2018), atravessamos as linhas do cotidiano escolar e somos atravessados por elas, para argumentar que, em meio às forças enrijecidas de um currículo que insiste em tentar aprisionar a vida, há processos de resistência e de criação de outros possíveis.

Quando as aulas presenciais foram suspensas por ocasião da pandemia da covid-19, em 2020, prefeituras e estados das diferentes regiões do Brasil precisaram (re)organizar as ações educacionais considerando o contexto e legislações vigentes. Nesse período, fomos afetados pelo desejo de pesquisar a força do coletivo na constituição de outros possíveis para os currículos, enfatizando a necessidade de pensar em movimentos curriculares inventivos como afirmação da vida.

Na fase mais crítica da pandemia, profissionais da educação foram convidados pela Secretaria Municipal de Educação do município onde aconteceu (e ainda acontece) a pesquisa, para participar de um encontro, de forma remota, com o objetivo de problematizar os possíveis e desafios para o acolhimento no cotidiano escolar. Diferentes signos da arte, como textos, filmes, músicas, imagens, foram disparadores para o encontro, na perspectiva de pensar os possíveis para os currículos que coletivamente se pretendia construir mediante o contexto pandêmico.

Os participantes do encontro foram provocados a problematizar: o que era importante priorizar? Como fazer? Por que fazer? Qual o sentido das práticas pedagógicas em um contexto de tantas perdas? Como alcançar a todos e todas? Como pensar em ações educativas naquele contexto, se não tínhamos (e ainda não temos) recursos tecnológicos em condições favoráveis em nossas escolas? Como alfabetizar sem encontros presenciais?

O movimento com os profissionais da educação problematizou o contexto de pandemia e provocou inquietações sobre a concepção de educação, de currículo e de escola que defendemos e a necessidade de pensar outros possíveis para os currículos do cotidiano escolar, como expressa a enunciação de uma professora que participou do encontro:

Estávamos diante de um acontecimento inédito e inesperado que nos possibilitou deslocar nosso modo de pensar a educação. As experiências vividas em tempos de pandemia com isolamento social nos fazem desejar a educação produzida pela via dos encontros, dos afetos. (Diário de bordo da pesquisa)

Com as aulas presenciais suspensas, em razão da pandemia, professores(as) criaram coletivamente outros possíveis para os currículos e, como corpos coletivos, produziram forças para criar outros modos de existência. Como andarilhos, problematizaram a realidade de pandemia que insistia em aprisionar a vida e inventaram outros caminhos, enxergaram, entre protocolos sanitários e prescrições curriculares, outros modos de estar perto, outros modos de professorar: os telefonemas para saber se estava tudo bem, as mensagens nos grupos de WhatsApp e em outras mídias, só para lembrar que a escola continuava ali, fazendo e garantindo os possíveis. Professores(as), coletivamente, constituíram movimentos curriculares inventivos, engendrados entre as formas do que estava estabelecido, e produziram forças que possibilitaram, mesmo em meio a afetos tristes, a expansão da vida:

Precisamos desprender-nos das formalidades, das prescrições, das formas de um currículo instituído que nos impede de sonhar, de criar outros possíveis com as crianças e adolescentes. Só é possível ser professor na relação com o outro, no entendimento de que os bons encontros potencializam as aprendizagens. (Enunciação de uma professora, diário de bordo da pesquisa)

Nos desdobramentos desses encontros, move-se nossa pesquisa. Em tempos de políticas de desvalorização docente, que operam na lógica mercadológica que prioriza resultados, será possível construir coletivamente outros currículos no cotidiano escolar? É possível constituir movimentos curriculares que questionem verdades estabelecidas e rompam com o pensamento arborescente que formata, enquadra, limita, exclui e entristece? Assim, fomos afetados a nos perguntar: que movimentos curriculares inventivos corpos coletivos podem constituir, entre macro/micropolíticas, na intenção de afirmar uma vida bonita no cotidiano escolar?

Nesse movimento, apostamos na arte entrelaçada aos currículos como signo capaz de nos transportar a outros possíveis, permitindo-nos enxergar outros modos de ser e de estar no mundo (DELEUZE, 2003). Movemo-nos a perguntar: que afecções podem ser disparadas no encontro dos corpos com os signos da arte entrelaçados aos currículos criados no cotidiano escolar?

Com a arte e a filosofia da diferença, propomos um encontro com outro modo de pensar a educação. Mas, para isso, faz-se necessário esvaziar o pensamento do que está dado, instituído e dar a ele outra imagem ou – quem sabe? – conceber um pensamento sem imagem, nômade, renunciando à forma da representação e do senso comum (DELEUZE, 2018) e deixando o pensamento livre dos postulados, do estabelecido para abrir-se à experimentação.

Para entrarmos em relação com a força dos acontecimentos e problematizar os diversos currículos que podem compor o cotidiano escolar, escolhemos como metodologia a cartografia, que consiste no acompanhamento de processos (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2009) e, entre as redes de conversações, aposta na inventividade, nos possíveis do cotidiano escolar, na vida que pulsa e se movimenta.

Interessa-nos cartografar os movimentos de micropolíticas ativas, pois eles potencializam os currículos inventivos, problematizam verdades estabelecidas e movimentam o pensamento para interrogar, questionar formas/forças que se encontram cotidianamente diante de nós e produzir brechas em meio ao instituído.

Apostamos nos movimentos de micropolíticas ativas não para atuar na perspectiva de oposição ao poder ou por sua negação, mas para problematizá-lo coletivamente nas ações cotidianas e impulsionar movimentos de resistência, que não podem ser pensados descolados da rigidez do sistema. Para Rolnik (2015), é entre as relações de poder que esses movimentos são constituídos numa política de ação do desejo em direção à expansão da vida.

Percorrendo o território escola, como a criança que tem a liberdade para cultivar uma visão torta das coisas, com o olhar sinuoso, e não reto, invertendo, deslocando, deformando, como andarilhos que não afundam estradas, mas inventam caminhos, e, como passarinhos desprendidos das coisas da terra, das formas, livres para pousar e disponíveis para sonhar (BARROS, 2018), vamos trilhando as linhas do cotidiano escolar pela ordem do devir, que é fluxo, processo, apostando na educação que vai além do plano macropolítico. Uma educação que considera as complexidades dos cotidianos escolares. E por que tal escolha? Porque não somos unidade, somos múltiplos! Somos atravessados, constituídos por diferenças. E a diferença de cada um evidencia-se nessa multiplicidade. Por vezes, esses movimentos expõem-nos a riscos. Mudar a rota? Muitas vezes é preciso, além de seguir por desvios, romper com o pensamento que privilegia a homogeneidade, os resultados e invisibiliza a diferença, para pensar os processos educativos com uma nova imagem.

E por que insistimos ser preciso apostar na força do coletivo? Porque, nas práticas cotidianas, movimentos de micropolíticas ativas ganham força para resistir às políticas curriculares que insistem em engessar nossas ações. Para Deleuze (1989), criar é resistir. E resistência deve ser criada no coletivo para juntos inventarmos modos outros de constituição docente e de afirmação da vida. Apostamos que movimentos curriculares inventivos ganham força quando são tecidos no coletivo, ante a problematização da realidade do cotidiano escolar. É essa participação política de professores(as) que pode afirmar a vida na escola.

As micropolíticas ativas reinventam a realidade, criam outros modos de existência, outras alianças, outros sentidos, abrem possibilidades para uma vida bonita. E o que é essa vida bonita? É uma vida expandida em toda a sua potência, em toda a sua beleza (DELEUZE, 1989). Uma vida bonita é a que rema insistentemente contra práticas pedagógicas homogeneizantes, constituindo, nesse movimento, outros modos ou estilos de vida.

Para mergulharmos nos movimentos de micropolíticas ativas e problematizarmos os movimentos curriculares inventivos que corpos coletivos podem constituir na relação entre macro/micropolíticas, na intenção de afirmar uma vida bonita no cotidiano escolar, acompanhamos as reuniões pedagógicas coletivas com professores(as) que atuam nas turmas do 1.º ao 4.º ano do turno vespertino.

Além desses encontros, problematizamos, em redes de conversações, os sentidos do currículo e seus atravessamentos nos processos educativos, e os usos dos signos da arte nos processos curriculares, em turmas do 1.º ao 3.º ano, nos movimentos produzidos pelos(as) professores(as) e crianças/estudantes na relação com o currículo prescrito e os currículos criados cotidianamente (que, nem sempre, são visibilizados).

Nesses encontros, tecemos conexões com as multiplicidades e complexidades do cotidiano escolar. Muito mais que resultados, o que nos interessa é o processo, que nunca se fecha, está sempre aberto a recomeços. Diferentemente da lógica vertical que limita as potencialidades, apostamos que o conhecimento é o que nos afeta (SPINOZA, 2009), o que movimenta nosso pensamento e nos impulsiona a agir de outro modo. Conhecimento é, portanto, o mais potente de todos os afetos.

Não podemos perder tempo com o excesso de burocracia que está cada vez mais presente nas ações educacionais deste tempo. As demandas para certo avanço na educação, no que se refere à aprendizagem, vão muito além de números (Enunciação de uma professora, diário de bordo da pesquisa).

Desse modo, pensamos a aprendizagem como um processo de invenção de problemas, subvertendo o pensamento moderno que relaciona a aprendizagem à solução de problemas (DELEUZE, 2018), numa lógica em que a aprendizagem não pode ser controlada nem privilegia resultado, mas dá espaço a outros saberes que extravasam os determinados pelo currículo prescrito.

Assim, experimentando, vamos cartografando as linhas do cotidiano escolar, no intuito de afirmar a vida, que sempre vai escapar, ainda que insistamos em aprisioná-la. Nesse movimento, vamos problematizando o currículo. E, se currículo é fluxo, é devir, não cabe em formas. Extravasa, desterritorializa os princípios, as normas e abre-se a outras possibilidades.

E o que desejamos argumentar? A potência dos movimentos curriculares coletivos em favor de uma vida bonita. Desejamos argumentar que, em meio às forças enrijecidas de um currículo que insiste em tentar aprisionar a vida, há processos de resistência e de criação de outros possíveis. Concluimos (sempre em via de abrir-se ao novo) que é imprescindível apostar na escola como corpo coletivo, pois somente a força coletiva pode desestabilizar processos de tentativa de engessamento e, entre macro/micropolíticas, criar movimentos curriculares nômades, inventivos e, sobretudo, afirmar uma vida bonita que escape aos padrões hegemônicos instituídos e insista em perseverar.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães. O currículo como comunidade de afetos/afecções. **Revista Teias**, v. 13. Rio de Janeiro. 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Editora: Paz & Terra; 3. ed. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, 128 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze** (transcrição + vídeo completo), 1989. Disponível em: <http://clinicand.com/o-abecedario-de-gilles-deleuze/>. Acesso em: 10 maio 2022.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. Série Pandemia. Ed. N-1, 2015.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.